

O NATURALISMO COMO PORNOGRAFIA E A HERANÇA LIBERTINA EM *O HOMEM, A CARNE E O ABORTO*

Thales Sant’Ana Ferreira MENDES*

- **RESUMO:** Desde seu lançamento, é recorrente a comparação de *A carne* (1888), de Júlio Ribeiro, com *O homem* (1887), de Aluísio Azevedo. No século XX, Miguel Pereira, assimilando o discurso de críticos oitocentistas, como Pujol e Veríssimo, esquematizou a influência do romance de Aluísio sobre outros, que foi perpetrado pela historiografia literária. Já *O aborto* (1893), de Figueiredo Pimentel (que cita *A carne* e *O homem* como obras pornográficas), seria acusado de copiar o primeiro. Claramente, essas aproximações entre os romances têm o intuito de depreciá-los: os três foram recriminados pelo falseamento de personagens e até do Naturalismo, mas, principalmente, por terem exagerado as representações sexuais, sendo acoimados de pornográficos. Com efeito, antes de tudo, os três foram lidos e vendidos como “livros para homens” no século XIX. Isso, no entanto, não os desqualifica. Ao transparecerem diversos pontos de contato entre si (não apenas textuais) e um vínculo com o libertinismo setecentista, esses livros apontam para o funcionamento do Naturalismo como uma das manifestações da pornografia no Brasil e avultam seu potencial libertário. Afinal, a maior causa de desconforto dos detratores foi a liberdade sexual das protagonistas Magdá, Lenita e Maricota. Essas, mais do que meras históricas, remontam à figura da libertina, tipicamente pornográfica, tendo sido comparadas com prostitutas. Propomos que ao se redimensionarem esses “romances científicos” como literatura popular e pornográfica – tomando, para isso, justamente o que neles foi considerado malogro ou excesso – é revelado seu caráter inovador.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Naturalismo. Histeria. Pornografia. Libertinismo. Livros para homens.

Introdução: *O homem, A carne e O aborto* na mira da crítica

O vínculo entre *O homem* e outras obras naturalistas não é novo. O trabalho seminal de Lúcia Miguel Pereira (1988, p. 129) já formulava que “[...] pelo escuso

* Doutorando em Teoria da Literatura e Literatura Comparada. UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Centro de Educação e Humanidades – Instituto de Letras – Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Letras. Rio de Janeiro – RJ – Brasil. 20559-900 – thales.sanfer@hotmail.com.

atalho aberto com *O Homem* enveredaram imediatamente muitos romancistas. O livro de Júlio Ribeiro e as tentativas frustradas de Horácio de Carvalho, Marques de Carvalho e tantos outros, não têm importância em si [...]”. Com o tempo, tal formulação foi assimilada pela historiografia literária. José Guilherme Merquior (2014, p. 195), por exemplo, aponta que “a sensualidade ninfomaniaca de Magdá [...] criou o modelo da galeria feminina da novelística naturalista [...] que tem o seu ápice na pedante e lasciva Lenita, n’*A carne*, de Júlio Ribeiro.” Nelson Werneck Sodré (1964, p. 388) destaca os “[...] estudos de histeria que Aluísio Azevedo mostrara em *O Homem*, Horácio de Carvalho em *O Cromo*, Marques de Carvalho em *Hortênsia*, e Júlio Ribeiro em *A Carne*.” Massaud Moisés (2016, p. 140), praticamente repete a fala de Sodré e acrescenta que “1888 parece o ‘ano brasileiro da histeria’”. Ambos, indo além da paráfrase do raciocínio de Miguel Pereira, ainda citam o mesmo trecho mencionado acima.

Miguel Pereira, por sua vez, reproduz o ponto de vista de críticos oitocentistas. Alfredo Pujol (2015, p. 330), por exemplo, destacava: “Júlio Ribeiro [...] parece ter concebido *A carne* depois da leitura do *Homem*, havendo, mesmo, entre os dois romances, íntimas afinidades [...]”. A perspectiva de Pujol se assemelha à de Sílvio Romero, no ensaio “Movimento espiritual do Brasil no ano de 1888”, e à de José Veríssimo, em “O romance naturalista no Brasil”, na aproximação dos livros de Júlio Ribeiro e Aluísio Azevedo. Embora a historiografia do século XX desconhecesse *O aborto*, a diatribe de Magalhães de Azeredo (1893b, p. 1) contra o livro de Figueiredo Pimentel notava que ele “Ainda é imitado de Júlio Ribeiro”. O próprio Pimentel, por seu turno, citava *O homem* e *A carne* no romance.

Lidas com atenção, todas essas comparações revelam, porém, intuito depreciativo. Não coincidentemente, os autores que seguem o argumento de filiação dos romances citados a *O homem* pressupõem pelo menos dois pontos em comum: o fracasso do Naturalismo e, em contrapartida, a excelência de *O cortiço*. Desviantes do modelo de *O cortiço*, tais romances se equivocavam, para a crítica, no estudo improficuo da histeria e nas descrições excessivas da sexualidade das protagonistas, cujas personalidades ainda padeceriam de falseamento. Além disso, para alguns dos detratores (sobretudo os do século XIX), tais obras eram pornográficas. É conhecida, nesse sentido, a afirmação de Pujol (2015, p. 328) segundo a qual *A carne* era “[...] misto de ciência e pornografia”. Para Magalhães de Azeredo (1893a, p. 1), *O aborto* era “[...] pseudoliteratura, industrial e pornográfica!”.

Este artigo parte dos mesmos pressupostos dessa fortuna crítica: a influência (não hierarquizante) de *O homem* em *A carne* e *O aborto*, a centralidade da histórica e de sua sexualidade nas narrativas e, principalmente, o caráter pornográfico dessas três obras. No entanto, para todos eles, rejeitamos a conotação negativa. Longe de ter fracassado, o Naturalismo no Brasil foi diverso, popular e inovador, além de ter flertado com a pornografia e o libertinismo. No caso de *O homem*, *A carne* e *O aborto*, os pontos em comum entre os romances e a intertextualidade de que

participam demonstram não apenas o estabelecimento de uma “tradição”, como confirmam sua popularidade e seu impacto cultural. A protagonista feminina, uma vez interpretada a partir da figura da libertina ou da prostituta (típica das narrativas pornográficas), adquire um potencial libertário de expressão sexual e intelectual – apreciado pelos leitores do período, mas renegado pelos homens de letras e pela historiografia literária.

O Naturalismo como pornografia

Há um discurso recorrente na historiografia literária brasileira segundo o qual o Naturalismo tem como objetivo a crítica social e, paralelamente, um efeito moralizante. Pressupõe-se nisso um Naturalismo “prototípico”, filiado aos modelos franceses, baseado em preceitos clássicos. Como no Brasil as obras naturalistas nunca se realizaram como tal, é frequente o entendimento de ter havido fracasso ou equívoco, quando não um excesso, a exemplo das acusações de pornografia. É o caso de Miguel Pereira (1988, p. 132): “Façamos a Júlio Ribeiro a justiça de não acreditar que houvesse deliberadamente recorrido à pornografia, ao desejo de escandalizar.” Para Sodré (1964, p. 392), na obra de Aluísio Azevedo predomina “[...] a fisiologia vulgar e até com pretensões didáticas de *O Homem* e do *Livro de uma sogra*, em que a falsidade não pode ser compensada pelo pretenso realismo [...]”.

Também concorriam para tal o recurso do final trágico da personagem dissidente (com intenção aparentemente corretiva) e as justificativas dos próprios autores, que, em defesa própria, costumavam argumentar a necessidade de expor o vício para corrigi-lo. “O espetáculo do vício não é imoral; [...] o que é imoral é a sua impunidade. [...] É preciso exibi-lo para que se possa apontar o curativo”, alega Carvalho Júnior (1879, p. 6) no prefácio da peça *Parisina*. Adolfo Caminha (1896, p. 41) rejeitou que defendesse a “dissolução da família” ou o “amor livre” em *Bom crioulo*, pois o intuito era “[...] estudar e condenar o homossexualismo”. Assim, tanto alguns autores naturalistas quanto a crítica a partir do século XX (ao assimilar as supostas intenções daqueles e tomá-las como legítimas) supuseram um “didatismo” do Naturalismo.

O debate sobre moralidade e os limites da representação do sexo foram constantes na fortuna crítica do Naturalismo. Porém, a defesa de sua exemplaridade moral não era bem aceita no século XIX. Sabe-se, por exemplo, da rejeição de um José Veríssimo ou de um Machado de Assis ao Realismo-Naturalismo em geral, acusando-os de falta de decoro, como na famosa crítica do autor de *Dom Casmurro* a *O primo Basílio*. O ataque começava com figuras de peso, como Zola, tachado de *pornógrafo* já na França (MENDES, L., 2018), ou Eça de Queirós, cujo *O primo Basílio* foi assinalado como imoral pela crítica e como pornografia pela mocidade, que o passava de mão em mão (DUQUE, 1900). Mesmo Figueiredo Pimentel (2015, p. 21) reconhece isso na dedicatória de *O aborto*: “Zola, Eça de Queirós,

Aluísio Azevedo, Pardal Mallet – todos os naturalistas – para este público besta [...] são também pornográficos, imorais e bandalhos.” Caminha (1895, p. 218) – cuja *A normalista* foi acusada de imoralidade – lembrou a denominação de “pornógrafos da seita de Zola” dada aos naturalistas.

Em ambos os testemunhos dos escritores, um dado importante: a percepção do Naturalismo como pornografia era comum tanto entre os homens de letras quanto entre o público leitor comum, que se interessava pelo romance naturalista justamente pelas cenas potencialmente sexuais. Periódicos conservadores jamais aceitaram que o Naturalismo tivesse intuito moralizante. “Não é encarando [o estilo] revestido desta brilhante roupagem, que se aprende a detestar o vício”, recrimina Almeida (1878, p. 3), articulista d’*O Apostolo*, jornal ligado à Diocese Católica. E acrescenta: “[...] a escola realista lançou mão desse pretexto [de discutir uma tese de fisiologia] para desculpar as suas torpezas” (ALMEIDA, 1878, p. 3). Considerando o argumento uma afronta à inteligência, muitos procuraram combater a popularização das obras naturalistas, alertando para os danos morais que poderiam causar, sobretudo nas mulheres. Segundo o padre português Senna Freitas (1901) (à época residente em São Paulo), romance naturalista e literatura pornográfica eram casos de polícia.

Descontado o viés pejorativo, a desconfiança dos setores conservadores ajuda a entender a recepção ambígua do moralismo dos escritores naturalistas. Afinal, o mesmo Alfredo Gallis que na série *Tuberculose social* dizia criticar a obscenidade de Lisboa também não escondia as intenções pornográficas de *Volúpias*. Se Coelho Neto teria se assustado com a linguagem e o atrevimento de *O aborto*, escreveria, pouco depois, o pornográfico *Álbum de Caliban*. Há dubiedade na dedicatória e no “Prefácio indispensável” de *O aborto*: Figueiredo Pimentel transita facilmente entre a crítica à apropriação pornográfica do Naturalismo e a aceitação dela, inclusive no que tange à própria obra. Já Júlio Ribeiro, que dedicou *A carne* a Zola, nunca a defendeu das acusações de pornografia (BULHÕES, 2015), e assim por diante.

É possível que alguns escritores tenham insistido na tese do didatismo perante o público como estratégia para manter a respeitabilidade; ou que, cientes do descabimento, tenham-na usado ironicamente. Seja como for, não negaram que a identificação de suas obras como literatura pornográfica fosse lucrativa ou que não impulsionasse as vendas e a curiosidade sobre seu conteúdo (EL FAR, 2004). Ferreira Leal, por exemplo, teria optado pelo título de *Um homem gasto* justamente porque sabia que seria associado aos “livros para homens”. Em meio aos escândalos que gerou, *O aborto* vendeu pelo menos 5.000 exemplares em pouco tempo (CATHARINA, 2015). Já *A carne* foi uma sensação entre os jovens por vários anos; chegou até a virar tema de escola de samba no carnaval de 1890 (MENDES, L., 2019).

Não era raro que se comercializassem romances naturalistas como pornografia. Evidência incontornável disso são os anúncios de “livros para homens”, que

comumente os incluem nas listas de obras à venda. A expressão, que podia variar, designava livros pornográficos em geral e abrangia uma variedade de impressos, como romances libertinos, livretos eróticos anônimos, poesia fescenina, manuais médicos ou de aconselhamento matrimonial e, é claro, romances naturalistas. Para se ter uma ideia, no anúncio “Leitura só para homens”, da Livraria Cruz Coutinho¹, *A carne* compartilha espaço com sucessos pornográficos do nível de *Teresa filósofa*, *Fanny Hill* e *Serões do convento*. A “Biblioteca do Solteirão” da editora Laemmert divulgava os romances realistas *Lili*, de Elisiário da Silva, e *Jorge do Barral*, de Emanuel Guimarães, juntamente com um *Álbum de Caliban* ou o anônimo *Contos picantes*, uma “leitura para o inverno” (BIBLIOTHECA, 1901, p. 591). Para os livreiros Ramos d’Almeida e Júlio Ramos, *O aborto* era um “romance pândego” (LEITURA, 1895, p. 3).

Os romances naturalistas, portanto, eram comercializados e consumidos (e até criticados) partindo-se do pressuposto de serem pornografia. Independiam aí as intenções dos autores ou mesmo a quantidade e até a explicitação das cenas eróticas. *O homem*, em sentido estrito, não contém sexo; porém, para Rodrigues Guião (1887, p. 3): “O realismo, interpretado estupidamente pelo populacho como a síntese da imoralidade, tem nesse fato a causa da sua [d’*O homem*] popularidade.” Conforme sucedia a outros tipos de “livros para homens”, o sexo dos romances naturalistas era o principal atrativo e motivo de seu sucesso. Podia transparecer tanto em vínculos com o libertinismo (na figura da prostituta ou do padre imoral, por exemplo) quanto em passagens explícitas, ou simplesmente na abordagem de comportamentos fora dos padrões morais do século XIX (adultério, masturbação, homossexualidade etc.)

Os anúncios investiam, inclusive, no argumento de que os “livros para homens” contribuía para o estímulo sexual. *O aborto* e *Mártires do coração*, por exemplo, eram “Romances pândegos [...] cuja leitura agrada a todo mundo, afugenta os desgostos, desenvolve os nervos e ativa a vontade” (LEITURA, 1895, p. 3). Antes de lê-los, a Livraria do Povo recomendava “[...] reformar os botões das calças” (LEITURA, 1885, p. 4). A própria ficção naturalista reforça o argumento, através da intertextualidade: *A carne* “excitava [...] o organismo” (PIMENTEL, 2015, p. 66) de Mário, tal como, anos depois, ocorreria com o Fidêncio do romance *O Urso*, de Antônio de Oliveira. Mais do que estimulantes, tais livros eram ainda entendidos como fonte de informações práticas sobre o sexo. E não sem razão: *O aborto* explica a produção de um remédio abortivo e assinala a função das “camisas de vênus”; Maricota, inclusive, aprende posições sexuais (e outras coisas) com a leitura de pornografia, incluindo *O homem* e *A carne*. *Livro de uma sogra* oferece instruções sobre a noite de núpcias, desde a importância das preliminares à da lubrificação natural da vagina para atenuar o incômodo do primeiro sexo.

¹ Cf. *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, n. 72, 7 set. 1897, p. 3.

Redatores d'*O Apostolo* também compartilhavam da opinião de que o Naturalismo podia influenciar os leitores e transmitir-lhes conhecimento, porém de maneira extremamente maléfica. Se, segundo eles, a leitura estava para o espírito do homem como a comida para o corpo, um mau livro podia envenená-lo. Assim, “os romances baixos franceses ou o *Homem, Cortiço, Carne, Mulata, Normalista* e outras torpezas que saem à luz à guisa de literatura” (A LEITURA, 1896, p. 1) só podiam gerar imoralidades e leitores imorais. Para Viveiros de Castro (1934, p. 200), uma obra como *O cortiço* despertava “curiosidades terríveis” e podia levar, por exemplo, duas amigas a experimentarem “[...] ao vivo a sensação que o escritor tão ardentemente descreveu” (CASTRO, 1934, p. 201). Ironicamente, o próprio trabalho científico do jurista foi lido como pornografia, conforme ele mesmo reconhece no prólogo da 2ª edição.

Positivamente ou não, diferentes setores da sociedade oitocentista concordavam que o romance naturalista era pornografia e podia influenciar seu leitor – ou causando sensações físicas, ou agregando conhecimento sexual. Por isso – para voltarmos aonde iniciamos esta seção –, se havia uma capacidade no Naturalismo de moralizar leitores, ela não apenas não era aceita geralmente, como, mais provavelmente, ocorria às avessas (MENDES, L., 2019).

Do naturalismo setecentista ao Naturalismo oitocentista

No século XIX, *pornografia* era um termo amplo, assim como a mais importante de suas expressões, os *livros para homens*. No geral, porém, identificava todo material que se aproximasse da obscenidade, segundo os padrões morais de então. Fenômeno da civilização burguesa, estava ligada ao desenvolvimento das cidades e do *ethos* burguês da privacidade, à popularização da leitura, ao surgimento da cultura de massa, à industrialização da produção e venda de impressos e à transformação do sexo em mercadoria (MENDES, T., 2019).

A pornografia moderna, isto é, um produto criado para causar sensações físicas nos leitores, surgiu justamente em meados do século XIX. No entanto, algumas características e alguns temas principais (a centralidade e explicitação dos corpos, a preponderância do sexo, o voyeurismo, o foco na iniciação sexual etc.) remontam ao libertinismo² francês do século XVIII, a partir das contribuições da licenciosidade renascentista de um Aretino, Rabelais e Boccaccio (HUNT, 1999).

No Brasil, os romances libertinos circulam desde o final do século XVIII, ainda que clandestinamente, em meio a proibições da Real Mesa Censória (EL FAR, 2004). *Thérèse philosophe* e *Fanny Hill* são as obras que mais aparecem pelos anúncios ao longo de todo o século XIX, indicando sólida popularidade.

² O termo é empregado por um especialista como Renato Janine Ribeiro. É preferível aqui para, acima de tudo, se evitarem outras conotações que “libertinagem” pode ter.

Mas não são as únicas: em 1811, sob a ação da censura regulada pela Impressão Régia, vem a lume *O templo de Jatab*, tradução de *Mémoires turcs*, de Godard d'Aucour. O livro teve boa vendagem; além dele, ainda passariam títulos como *O diabo coxo*, *Aventuras galantes* e *O castigo da prostituição* (ABREU, 2011). Nas décadas de 1820 e 1830, divulga-se o popular *Vida e aventuras do cavaleiro de Faublas*, de Louvet de Couvray, primeiramente na língua original e depois em tradução. *Saturnino, porteiro dos frades bentos*, versão abasileirada de *Histoire de Dom B...*, *portier des Chartreux*, aparece em 1842. Já o importante *Serões do convento*, de M. L., data da década de 1860. Curiosamente, o marquês de Sade, hoje tão associado ao libertinismo, teve circulação restrita a alguns homens de letras.

Por volta de 1880, os romances libertinos são comercializados no Brasil como “livros para homens”, equiparando-se, em questão de apropriação pornográfica, aos romances naturalistas. Embora no contexto de origem o romance libertino expressasse os ideais revolucionários do Iluminismo, com um teor predominantemente filosófico e anticlerical, sua permanência no século XIX, como de qualquer “livro para homem”, se justifica por seu conteúdo licencioso (EL FAR, 2004). Sabe-se que anticlericalismo também foi uma constante dos romances naturalistas, sem contar os acenos a postulados científicos modernos, mas tais romances dificilmente foram levados a sério nesse sentido³. Mesmo os ataques do Naturalismo à Igreja, que causaram algum escândalo, foram frequentemente associados à obscenidade pelas instituições ofendidas, o que enfatiza a centralidade do conteúdo sexual na leitura que se fazia do movimento literário. No século XIX, tanto o romance libertino quanto o romance naturalista são manifestações da pornografia, categoria de representação que então se firma e se define. Nesse sentido, o Naturalismo (e o discurso científico) é o que mais se tem de moderno em pornografia até o final do século: “No Brasil, [...] a voga e a popularidade da escola literária do naturalismo foram decisivas para essa produção [pornográfica] nascente” (EL FAR, 2004, p. 193).

Embora ainda não tenham sido devidamente explorados, há vários pontos de contato entre o Naturalismo e o libertinismo. São pontos que, muito provavelmente, foram de algum modo sentidos pelos leitores oitocentistas, cada vez mais habituados à leitura dos clássicos libertinos e à apropriação pornográfica do Naturalismo. A figura da histérica, por exemplo, deve muito à da libertina; o padre sem vocação, por sua vez, à dos clérigos devassos do libertinismo, passando pela sexualização dos lugares e elementos religiosos. A exploração da sugestão de incesto ou da personagem do parente tentador (um primo, quase sempre⁴) do Naturalismo são heranças libertinas ainda presentes em produções pornográficas contemporâneas.

³ “Servirá para a ciência [*O homem*]? Os médicos cá de casa [...] afirmam que não aprenderam nada ali” (IMPRESA, 1887, p. 1), questiona um redator do *Jornal do Commercio*.

⁴ Alguns exemplos são: *O primo Basílio* (Eça de Queirós), *O aborto* (Figueiredo Pimentel), *O urso* (Antônio de Oliveira) e *Mana Silvéria* (Canto e Mello).

Romances libertinos também costumam se valer de justificativas “moralizantes”. Para ficarmos nos exemplos mais conhecidos do público brasileiro, *Thérèse philosophe* afirma escrever “*vérités utiles au bien de la société*”⁵ (D’ARGENS, 1748, p. 3); *Histoire de Saturnine* relata “*la force d’écrire mes égarements pour l’édification de mes Freres*”⁶ (LATOUCHE, 1741, p. 2). Naturalmente, a própria narrativa trai o caráter zombeteiro e cínico do suposto intuito moral, que, no máximo, serve para consolidar a concepção de naturalidade do sexo. Afinal, como o Naturalismo, romances libertinos chegaram a ser lidos como fonte de conhecimento carnal e excitação sexual, a despeito da faceta revolucionária.

Além disso, há semelhanças nas filosofias de cada época. Embora os romances libertinos não sejam homogêneos, todos eles partem de alguns pressupostos comuns, sobretudo uma filosofia naturalista (que data de muito antes, aliás) e materialista a favor do prazer sexual. É comum em tais romances a ideia do prazer como fonte de movimento da matéria, ou a de corpos atomizados, animados pelo desejo (JACOB, 1999). Conforme Thérèse argumenta, a religião é insensata ao tentar cercear a natureza humana, que necessita satisfazer-se sexualmente – inclusive por meio da masturbação, do sexo homoerótico etc. Apesar de mais discretos na assimilação dessa filosofia, os romances naturalistas não deixaram de expressá-la, como quando aventaram que a “atividade sexual [...] [é] exigida sob pena de loucura” (PEREIRA, 1988, p. 149), ou mesmo nas críticas ao casamento e à falta de necessidade dele para a realização sexual.

Quando tomaram por base o naturalismo e o atomismo, o qual regeria toda a humanidade, os romances libertinos abrangeram ainda a ideia de igualdade dos corpos. Homens e mulheres eram análogos nos corpos (para alguns, teriam fisiologias iguais), bem como na busca, experimentação e compartilhamento do prazer sexual. Uma das ousadias no Naturalismo – que sempre incomodou a elite letrada – foi pôr em cena protagonistas femininas conscientes do corpo e que, semelhantemente aos homens, expressavam ou buscavam expressar livremente os impulsos sexuais, como na famosa cena de Lenita indo ao quarto de Manduca, em *A carne*.

Para articulistas d’*O Apostolo* (os quais amiúde acoimaram o Naturalismo de ateísmo), uma das heresias da estética literária era “[...] atribuir a causas naturais o que deve ser atribuído a Deus” (ALMEIDA, 1882, p. 4), o que se relaciona diretamente com a concepção naturalista (em ambos os sentidos) do sexo e do corpo. Jacob (1999) aponta que, ao mecanizar corpos e natureza e centrar a razão na matéria, o materialismo dos romances libertinos eliminou as fontes sobrenaturais e a predominância do espírito, posicionando-se contra a escolástica católica. Dr. Lobão, Mário e Manduca (e o próprio Júlio Ribeiro) são ateus, por sinal; mas o materialismo

⁵ “verdade úteis para o bem da sociedade”. Tradução nossa.

⁶ “a força para escrever minhas perplexidades para a edificação de meus irmãos”. Tradução nossa.

dos romances se revela sobretudo no naturalismo com que entendem e descrevem o sexo e na perspectiva científica que têm sobre os personagens e suas constituições.

Mesmo o pano de fundo mais estritamente científico dos romances – como o determinismo por trás dos sintomas histéricos das protagonistas, da neurose de Manduca ou das relações sociais e de poder que apresentam – também tem um passado libertino. Em *Thérèse philosophe*, por exemplo, há “[...] uma determinação rigorosa como a da ciência, pois tudo se explica pela relação de causa a efeito” (JANINE RIBEIRO, 2015, p. 177). No fim, malgrado as diferenças de época – ou até as diferenças de influências – um romance libertino e um romance naturalista são mais semelhantes do que a princípio parecem.

Pornografia e histeria em *O homem, A carne e O aborto*

O homem, A carne e O aborto são romances cujo assunto central é o sexo. *O homem* é o mais sutil dentre os três no tratamento do conteúdo sexual, mas jamais o abandona. Toda a histeria da protagonista Magdá, segundo o próprio médico da família, resulta da falta de um *homem* para lhe satisfazer os desejos, nunca concretizados. É justamente a ausência gritante do sexo que o torna presente. A maioria das experiências de Magdá têm conotação erótica. Aluísio recorre ao universo dos sonhos para dar vazão às conjunções carnavais e fantasias da protagonista: lá ela pode se relacionar com Luiz, regalar-se com banquetes e até atrever-se ao vampirismo. No mundo desperto, onde o coito é inatingível, outras ações de Magdá transparecerão sexo, como a obsessão com os elementos religiosos, incluindo aí a apropriação licenciosa dos *Cânticos*, a erotização da figura de Cristo (na qual se mesclam a estátua nua, Fernando e Luiz) e a memorização de uma reza ambígua para mitigar o desejo sexual, mas que mais o ativa. Há a cena em que o cavouqueiro carrega Magdá nos braços, e ela, libidinosamente, lhe sente as formas torneadas e o cheiro forte; ou aquela em que a jovem espia fixamente a chegada da enorme cama de Luiz e Rosinha, prenúncio e prelibação da noite de núpcias do casal.

A carne e O aborto são mais explícitos, sobretudo nas descrições das relações sexuais. O primeiro já começa por seu título sugestivo. Aliás, Júlio Ribeiro faz questão de destacar a palavra *carne* em passagens que expressam a perspectiva do romance de centralidade do sexo. Na alucinação masturbatória provocada pela estátua de um gladiador, Lenita se reconhece “[...] ferida pelo agulhão da *carne*” (RIBEIRO, 2015, p. 84). Da ponderação de suas ações (incluindo o prazer por assistir ao chicoteamento de um escravo), conclui-se: “O que ela sentia era o agulhão genésico [...], era a voz da CARNE [...]” (RIBEIRO, 2015, p. 114). N’*O aborto*, Mário sentia exalar “[...] o cheiro acre da carne” (PIMENTEL, 2015, p. 55) da prima. Em meio à modorra de Niterói que cerca Maricota, o sexo se lhe torna uma distração fundamental, desde a chegada de Mário (o qual lhe possibilita

vários prazeres eróticos) até os benefícios obtidos pelo flerte com o advogado Bode Velho, passando pelas leituras pornográficas.

Aluísio Azevedo, Júlio Ribeiro e Figueiredo Pimentel, com estilos e graus de explicitação diferentes, partem de pressupostos comuns: o sexo é uma necessidade de humanos e animais, à qual todos precisam dar vazão, e não pode ser coibida com o celibato ou o casamento arranjado. A tese, naturalista, e, portanto, libertina, é desenvolvida nos três romances em cenas em que os corpos ganham materialidade, naturalizam-se ou animalizam-se os desejos dos indivíduos (sobretudo o feminino), rejeita-se a imposição do casamento, defende-se o amor livre e destaca-se o sexo como veículo de liberação, satisfação ou mesmo aprendizagem.

Em *O homem*, o principal discurso que endossará a tese vem do médico da família. O doutor Lobão intui que o casamento é apenas uma construção social aceita para a prática do sexo, razão pela qual o recomenda para a melhora de Magdá: “Casamento é um modo de dizer, eu faço questão é do coito! – Ela precisa de homem!” (AZEVEDO, 1887, p. 69). O primeiro sonho com Luiz parafraseará o discurso. Nele, Magdá explica ao pai que os outros pretendentes eram insuficientes porque ela precisava de um homem. “Do que precisavas, grandíssima desavergonhada, era de uma boa carga de pau, para te apagar o fogo do rabo!” (AZEVEDO, 1887, p. 154), retruca o pai, sugestivamente.

Magdá, que no começo se atrai por Luiz fisicamente, estabelecerá uma paixão romântica por ele inexistente em *A carne* e *O aborto*. Nesses romances, a figura masculina de desejo não se aterá a um personagem, apontando para o mote libertino do homem como *objeto*. Outra diferença, já sinalizada, é que Magdá só obterá o que deseja em seus sonhos luxuriosos, onde há “[...] vida apaixonada e ardente numa concupiscência devoradora e nervosa” (GUIÃO, 1887, p. 3). Acordada, experimentará compensações insuficientes, como quando fita a “[...] chagada nudez do filho de Maria” (AZEVEDO, 1887, p. 91), a quem pede: “[...] me penetres até ao fundo das minhas entranhas” (AZEVEDO, 1887, p. 90). A irresistibilidade e naturalidade do sexo, porém, já estão no romance e abrem caminho para *A carne*. Assim, quando o pai de Magdá a flagra se relacionando energicamente com Luiz, ela formula: “Não fui eu, papai, foi a minha natureza; foi a minha carne; foram os meus sentidos!...” (AZEVEDO, 1887, p. 151).

Em *A carne*, a concepção de naturalidade do sexo começa justamente pela natureza. Como na exuberância tropical dos sonhos de Magdá, pulsam pela narrativa uma “orgia de verdura” (RIBEIRO, 2015, p. 90), um “furor erótico da fauna” e, no ar, “um odor de cópula, excitante, provocador” (RIBEIRO, 2015, p. 104). A mata será, inclusive, palco de duas cenas de sexo espreitadas por Lenita: uma entre uma vaca e um boi, outra entre dois escravos. Se em *O homem* Aluísio procurara velar a concepção naturalista e materialista do sexo com o uso de sonhos ou de uma narração neutra, aqui os personagens a expressam conscientemente, quando suas elocubrações não se confundem com as intervenções do narrador.

Há uma passagem em que Lenita, tomada de desejo, reflete sobre a “castidade impossível” (RIBEIRO, 2015, p. 114), além daquelas em que defende sua plena liberdade sexual, independente de convenções sociais. Manduca infere (como o doutor Lobão) que o casamento é uma desculpa para o sexo, significando “que ele quer copular com ela, que ela quer copular com ele” (RIBEIRO, 2015, p. 226). À frente, lê-se uma frase filosófica que poderia ter saído de um romance libertino: “Fisiologicamente, verdadeiramente, *amor* e *cio* vêm a ser uma coisa só.” (RIBEIRO, 2015, p. 226).

Em *O aborto*, Maricota (como Lenita) tem consciência de que a atração pelo primo é apenas carnal, o que também ocorre com ele. Ela o desejava “[...] apenas na qualidade de HOMEM” (PIMENTEL, 2015, p. 98-99) – em caixa-alta, ressoando o título de Aluísio Azevedo. O relacionamento dos primos não almeja o casamento; pelo contrário, tanto ele quanto ela pretendem tirar proveito deste para a ascensão social. Em suma, Maricota e Mário fazem sexo somente porque querem satisfazer seus prazeres, que vão aumentando a cada prática. A naturalidade com que o romance encara o sexo é influenciada pelo estilo de Figueiredo Pimentel, explícito e materialista. Os corpos, as carícias eróticas e os processos fisiológicos são descritos banalmente, sem circunlóquios. Nas cenas de sexo entre os primos, por exemplo, usa-se mais de uma vez a expressão “desejo de cópula”, sem contar o detalhamento do gozo de Mário ou de seu chocante “pênis teso, ereto, repuxando a colcha” (PIMENTEL, 2015, p. 67). Há uma atenção também para os momentos em que Mário urina, Maricota menstrua e mãe dela dá à luz.

A filosofia naturalista e libertina dos romances aponta ainda para a percepção do sexo como *remédio*. Comum na literatura pornográfica, foi explorada no famoso e influente *Serões do convento* (destaque para “O que umas ceroulas podem conter de pacificação” e “Remédio infalível”) e continuaria presente em um *Álbum de Caliban* (“A varinha de condão”). Independentemente do final trágico de Magdá e de Maricota, tal percepção aponta para a positividade do sexo e para a ideia de que ele provê benefícios para o corpo. Tendo sido explorada pelos anúncios de “Livros para homens”, certamente constituiu um dos atrativos desses livros para o público que os consumia. Magdá, de acordo até com o diagnóstico do médico da família, só piora cada vez mais porque não encontra o homem (para o que aponta o título) que a cure através do sexo. O caso mais representativo é, sem dúvida, o da “cura” de Lenita.

Cura para quê? Como a historiografia literária a partir do século XX insistiu, *O homem, A carne e O aborto* eram “estudos de histeria” nos quais avulta a figura da mulher retratada com “[...] distorções psicológicas grosseiras” (BOSI, 2015, p. 184). A rigor, não foi exatamente a histeria das protagonistas o motivo principal dessa leitura pejorativa dos romances; e sim seu comportamento sexual, sobretudo por causa do aspecto libertário e não convencional de que os autores naturalistas o revestiram (SEREZA, 2022). Em *O homem*, por exemplo, preponderaria “[...]”

a sensualidade ninfomaniaca de Magdá – outra marionete, irrealíssimo feixe de instintos” (MERQUIOR, 2014, p. 195). Apesar do tom depreciativo e até moralista, a historiografia literária pôde pressentir que no centro das três narrativas está o corpo erotizado das mulheres, cuja busca por satisfação sexual se torna a força que as impele. Não coincidentemente, um recurso comum dos três romances em questão é a comparação das protagonistas com estátuas ou esculturas, o que lhes destaca as formas sensuais; *O homem* e *A carne* incluem, ainda, cenas em que Lenita e Magdá se excitam com estátuas.

A histérica não foi inventada pelo Naturalismo, muito menos sua sexualização. É frequente na literatura pornográfica, desde as origens (nos *fabliaux* medievais ou na licenciosidade renascentista), a figura da mulher com comportamento sexual e intelectual não convencional, retratada principalmente pela *filósofa* ou a prostituta ilustrada (JACOB, 1999). Vale lembrar que a própria origem do termo *pornografia* remonta à noção de escrita sobre prostitutas, aliás nunca abandonada ao longo da história (MORAES, 2014). No libertinismo, em que sexo e filosofia estão intimamente associados, a libertina é uma mulher que conquistou independência intelectual após a iniciação sexual, além de funcionar como figura capital nas narrativas e na representação do ideal libertino de igualdade material (NORBERG, 1999). Os *best-sellers* *Thérèse philosophe* e *Fanny Hill* são romances cujas narradoras e protagonistas são mulheres que, através do sexo, ascendem intelectual e socialmente, alcançando um final feliz.

Se, como defendemos, o Naturalismo herda muito da literatura libertina, a histérica é, portanto, sucessora da filósofa ou mesmo da prostituta. Afinal, no século XIX, “o termo ‘pornografia’ podia ser usado para descrever qualquer história de mulher sem marido com vida sexual ativa” (MENDES, L., 2019, p. 278). Assim, um “estudo de histeria” equivalia a uma “história de prostituta”. É bastante significativo que a obra mais popular e influente de Zola, *Nana*, combine justamente a história de uma prostituta com o estudo científico. As respectivas recepções de *O homem*, *A carne* e *O aborto* confirmam essa percepção, inclusive. Caliban (1893, p. 1) definiu Maricota como “[...] um tipo violento de nevrótica, [...] de bacante”; para Magalhães de Azeredo (1893b, p. 1), “O seu ideal [de Maricota] é ser uma messalina”. Pujol (2015, p. 330) formulou mais de uma vez que “Lenita, uma mulher ilustradíssima, [...] se deixa levar pelos instintos carnis até a prostituição”. Para Veríssimo (1977, p. 190), ela se sujeitava com “[...] uma grosseira e bestial sensualidade, como a última das rameiras.”

Para o século XIX, os três romances eram histórias de prostitutas, o que pôde ser tanto um atrativo quanto um motivo para condenação. Se eliminarmos o viés recriminatório, é possível encontrar neles indícios que confirmam a aproximação da histérica com a prostituta. Em linhas gerais, isso se concentra nas ações das protagonistas que se desviam do comportamento esperado para uma mulher no século XIX.

A carne é peremptória na defesa da liberdade de Lenita. A perspectiva positiva do romance culmina no final feliz da moça, que não morre, como é habitual no Naturalismo. “Lenita não fica nada a dever à Magdá de Aluísio, se não a suplanta por ser dotada de uma autenticidade que se diria renunciadora da emancipação feminina [...]”, aponta Moisés (2016, p. 142). As características de Lenita são típicas de uma libertina: ilustrada, rica, é capaz de gerir os negócios da família e realizar habilmente atividades “masculinas”, como cavalgar, caçar, fazer experimentos químicos e discutir ciência, sem contar a inclinação sádica por ferir e matar animais. Além disso, Lenita rejeita o casamento forçado, se relaciona com Manduca para mera satisfação carnal (conforme ela mesma o arrazoa) e se casa com Mendes Maia somente sob condições impostas por ela. Solteira, dirige-se até o quarto de Manduca, homem separado da esposa, para transar – possivelmente, a cena que mais causou revolta entre os homens de letras. Ciente da reputação que teria em sociedade devido a suas atitudes, prefere ignorá-la e seguir agindo como bem entende: “[...] emancipada, absolutamente senhora de si, rica, formosa, inteligente, culta [...] por que não conculcar preconceitos ridículos, por que não tomar, dez, vinte, cem amantes?” (RIBEIRO, 2015, p. 120). Chega a se comparar às prostitutas de Hyde-Park e à mulher de Putifar. Ao saber da partida da moça e perceber o relacionamento passageiro que viveram, Manduca exclama: “Rameira! Prostituta vil!” (RIBEIRO, 2015, p. 278).

Maricota resguarda semelhanças com Lenita. Apesar de não ter o dinheiro e a instrução da paulista, a jovem normalista e namorada tem ideias pragmáticas sobre o casamento e aspira à ascensão social e à ostentação. Após a leitura de *Nana*, considera também ser uma prostituta para alcançá-las, imaginando-se a poderosa *Condessa de Baccarat*. Como Lenita, Maricota, solteira, vai até o quarto do primo; como ela, está disposta a afrontar “[...] o desprezo falso da sociedade, contanto que estivesse alegre e satisfeita.” (PIMENTEL, 2015, p. 99), além de reconhecer que provavelmente se tornaria “[...] uma prostituta pública [...], como a Suzana, a Frineia e outras muitas, cujas histórias lhe chegaram.” (PIMENTEL, 2015, p. 99) As obras pornográficas têm forte influência sobre a moça: segundo o narrador, à leitura delas, Maricota prostitui corpo e alma e aprende posições sexuais novas e tenta reproduzi-las. Maricota não é ingênua e acha ridículo o acanhamento do primo após a primeira noite juntos. Além disso, capta as intenções maliciosas do Bode Velho, a partir do que giza o plano de extrair o máximo de dinheiro dele, mas sem se entregar. Assim, obtém alguns mimos e uma casa elegante e mobiliada, onde continua a se relacionar com Mário, à plena vista da comunidade local.

O homem vai no sentido oposto: demonstra o que pode suceder à mulher que, diferentemente de Lenita e Maricota, contraria os reclames sexuais da natureza. Há um simbolismo no nome de Magdalena, que é insinuado em um dos desvarios com Cristo: “protege-me como o fizeste com a outra Magdalena, menos merecedora do que eu, que sou donzela” (AZEVEDO, 1887, p. 255). Dois elementos aí se repetirão

significativamente no romance: os acessos religiosos de Magdá e sua fixação com a virgindade, em geral correlacionados. Magdá tem uma forte atração erótica pela figura de Cristo, a qual “[...] abraçava-a e cobria-a de beijos”, exclamando: “‘Meu amado, meu irmão, meu esposo!’ [...] ‘Eu sou a tua pomba imaculada’” (AZEVEDO, 1887, p. 95-96). A moça até decora *Cânticos dos Cânticos*, sobretudo as partes mais sensuais, que lhe excitam; num sonho, as imagens de Cristo e Luiz se mesclam e ela se exprime num palavrório que parafraseia o livro bíblico. A virgindade é um tributo que oferece a Cristo, que, por sua vez, assume o ideal de homem; por isso, Magdá se sente vilipendiada com um procedimento médico de doutor Lobão: “a ideia de que alguém [...] lhe tocara nas carnes, [...] ultraje feito [...] ao seu orgulho de mulher pura.” (AZEVEDO, 1887, p. 117).

Esse zelo não existirá com Luiz. O primeiro encontro pessoal dos dois é um simulacro de uma relação sexual, o que o narrador não oculta: Magdá, ao final da descida, “[...] gemia e suspirava baixinho como se a estivessem acarinhando depois de longa e assanhada pugna de amor” (AZEVEDO, 1887, p. 141). A repugnância após o episódio é desmentida mais tarde e só prova a atração de Magdá pelo cavouqueiro. Luiz é, portanto, a personificação de seu desejo sexual por um homem. A entrega, porém, só ocorrerá nos múltiplos sonhos da moça, comprovando a urgência que tem de sexo. Os sonhos são essenciais dentro de *O homem* e apresentam continuidade ao longo dos capítulos. Assimilação da atmosfera bíblica cara a Magdá, começam justamente por um conto edênico: nele, o pai censura a filha pelo coito com Luiz, rejeitando a desculpa da carne e a aproximando de uma prostituta: “Rua, seus bandalhos! [...] Não sou pai de mulheres à toa!” (AZEVEDO, 1887, p. 154). Rosinha, a verdadeira noiva de Luiz, também aparecerá em um dos sonhos para exprimir um discurso semelhante ao do Conselheiro Marques, acoimando Magdá de vampira, loba e mulher que rouba o homem de outras.

A conclusão por trás de *O homem* se assemelha à de *Mártires da virgindade*, cujo autor, Alfredo Gallis, afirma veementemente que o celibato forçado só produz vítimas, malgrado o sexo ser direito das mulheres. Nesse sentido, a felicidade que Magdá vive nos sonhos seria real se ela tivesse seguido a inclinação da carne. Assim, Lenita e Maricota, uma vez iniciadas sexualmente, passam por uma guinada na vida. A primeira, já saciada com Manduca, se torna mais independente e parte para a cidade grande, onde prospera. Depois da primeira relação, Maricota quer aprender mais sobre sexo, indo buscar conhecimento carnal com outras normalistas e, principalmente, nos livros pornográficos. Mais do que isso, ganha consciência do corpo e de como usá-lo para alcançar seus objetivos, os quais de fato começa a conquistar.

Analisando a mulher nos romances libertinos, Darnton (1996, p. 31) afirma: “Depois de perderem a virgindade, as heroínas dessa literatura pornográfica muitas vezes conquistam uma espécie de independência, [...] uma autoestima intelectual: tão logo descobrem que o sexo é algo em que vale a pena pensar, elas aprendem

a pensar por si sós.” A leitura terá papel crucial na trajetória das protagonistas naturalistas, cujas listas de livros não são acidentais. No universo de Magdá, ler os *Cânticos* e a reza aprendida com a tia carola lhe afoguem e contribuam para os estímulos místicos-eróticos. O vasto conhecimento científico de Lenita envolve saber da vida de várias mulheres licenciosas da história mundial, além de ler e traduzir Epicuro e *De Natura Rerum*, de Lucrécio, com Manduca. Maricota não só acompanha *O artigo 200* (versão anterior do romance de Pimentel) no jornal, como lê *Os serões do convento*, *Volúpias*, de Rabelais (Alfredo Gallis), e fotografias imorais. Um dia, a moça descobre no baú de Mário livros pornográficos, dentre os quais *O homem*, de Aluísio Azevedo, *O crime do padre Amaro*, de Eça de Queirós, *Esposa e virgem*, de Belot e *Nana*, de Émile Zola, de modo que “Apreciava-os somente pelo lado da bandalheira” (PIMENTEL, 2015, p. 72).

Considerando os vínculos do Naturalismo com o libertinismo, Magdá, Lenita e Maricota, ao serem redimensionadas da representação de histéricas doentes para a de libertinas (ou prostitutas, para muitos), revelam o potencial de mulheres em busca de liberdade e independência, tanto intelectual quanto sexual.

Considerações finais

A historiografia literária tradicional tem considerado o Naturalismo no Brasil como um malogro, cujo único produto de valor teria sido *O cortiço*. Há um predomínio de uma leitura estetizante e moralizante, que negligencia as novidades promovidas por obras naturalistas e, acima de tudo, a multiplicidade de vertentes que exploraram. No século XIX, por exemplo, o Naturalismo funcionou como uma das principais manifestações da nascente categoria “pornografia” (ou de “livros para homens”), o que ajuda a entender o sucesso e a repercussão que muitos romances tiveram. Não é à toa que é possível identificar nas filosofias que sustentam o Naturalismo, bem como nos temas que recorrentemente adotou, uma herança que remonta ao libertinismo – este, por sua vez, origem da pornografia moderna (HUNT, 1999).

Essa herança libertina ilumina a insistência de certas obras em uma perspectiva naturalista e materialista do sexo, dos corpos e da própria natureza, que acabou dando centralidade ao conteúdo sexual e, principalmente, à protagonista histórica. Se, por um lado, essa representação do ideal de mulher (sexual e intelectualmente independente) foi a principal causa da condenação de *O homem*, *A carne* e *O aborto* (romances acusados de pornográficos, falsos e equivocados), por outro lado, foi um dos motivos de popularidade, já que seus leitores puderam se apropriar do “estudo de histeria” como uma clássica “história de prostituta” – portanto, como uma narrativa predominantemente sexual. Mais do que isso, fizeram dessas obras veículo de conhecimento carnal ou mesmo de desafogo sexual, no que seus próprios anúncios investiam.

O homem, A carne e O aborto ainda dialogam entre si, compartilhando temas, personagens, cenas e pontos de vista – numa confirmação de sua leitura pornográfica e também da influência de uma obra sobre a outra, como em uma “tradição” (ou um “atalho aberto”, segundo Miguel Pereira). Em todo caso, são romances importantes para uma compreensão mais justa do Naturalismo (ou mesmo do fenômeno que foi a pornografia nas últimas décadas do século XIX), com largo potencial ainda a ser explorado.

MENDES, T. S. F. Naturalism as pornography and the libertine heritage in *A carne, O homem* and *O aborto*. **Itinerários**, Araraquara, n. 56, p. 41-59, jan./jun. 2023.

■ **ABSTRACT:** *The comparison between A Carne [The flesh] (1888), by Júlio Ribeiro, and O Homem [The man] (1887), by Aluísio Azevedo, has been recurring since its release. In the twentieth century, Miguel Pereira, assimilating the discourse of nineteenth-century critics, such as Pujol and Veríssimo, schematized the influence of Aluísio's novel on other novels, which was perpetrated by literary historiography. O aborto [The abortion] (1893) (by Figueiredo Pimentel), which mentions A carne and O homem as pornographic books, would be accused of copying the former. Clearly, these approximations between the novels are intended to disparage them. The three of them were reproached for the falsification of characters and even of Naturalism, but, chiefly, for having exaggerated sexual representations, being branded as pornography. Indeed, all of them were read and sold as “books for men” in the nineteenth century. However, this does not disqualify them. By showing several points of contact with each other (not just textual ones) and a link with eighteenth-century libertinism, these books point to the functioning of Naturalism as one of the manifestations of pornography in Brazil and to its libertarian potential. After all, the main cause of detractors' discomfort was the sexual freedom of the protagonists, Magdá, Lenita and Maricota. These women, more than hysterics, go back to the figure of the libertine, typically pornographic, having been compared with prostitutes. By re-dimensioning these “scientific novels” as popular and pornographic literature – taking exactly what was considered failure or excess –, their innovative character is revealed.*

■ **KEYWORDS:** *Naturalism. Hysteria. Pornography. Libertinism. Books for men.*

REFERÊNCIAS

ABREU, M. *O templo de Jatab*: um romance licencioso publicado pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro. **Floema**, ano VII, n. 9, p. 193-215, jan./jun. 2011.

ALMEIDA, A. de. Christo! **O Apostolo**, Rio de Janeiro, n. 133, 24 nov. 1882. Transcrição, p. 4.

- ALMEIDA, I. de. O primo Basílio: por Eça de Queiroz. **O Apostolo**, Rio de Janeiro, ano XIII, n. 64, 5 jun. 1878. Secção litteraria, p. 3.
- AZEREDO, M. de. O aborto. **Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro, n. 169, 19 jun. 1893a. Homens e livros, p. 1.
- AZEREDO, M. de. O aborto. **Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro, n. 183, 3 jul. 1893b. Homens e livros, p. 1.
- AZEVEDO, A. **O homem**. 3. ed. Rio de Janeiro: Imp. Typ. de Adolpho de Castro Silva & Comp., 1887.
- BIBLIOTHECA do solteirão. **Almanak da Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro, ano 22, 1901, p. 591.
- BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 50. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.
- BULHÕES, M. “Leituras de um livro ‘obsceno’”. In: RIBEIRO, Júlio. **A carne**. 2 ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2015. p. 9-59.
- CALIBAN. O ab... (por Figueiredo Pimentel). **O Paiz**, Rio de Janeiro, n. 3976, 26 mar. 1893.
- CAMINHA, A. **Cartas litterarias**. Rio de Janeiro: Typ. Aldina, 1895.
- CAMINHA, A. Um livro condemnado. **A nova revista**, Rio de Janeiro, v. I, n. 2, p. 40-42, fev. 1896.
- CASTRO, F. J. Viveiros de. **Atentados ao pudor**: estudos sobre as aberrações do instinto sexual. 3. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1934.
- CATHARINA, P. P. G. F. “Posfácio: *O aborto*, um best-seller naturalista esquecido”. In: PIMENTEL, F. **O aborto**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015. p. 133-151.
- [D’ARGENS, M. de.] **Thérèse philosophe, ou mémoires**: pour servir à l’Histoire de D. Dirrag, & de Mademoiselle Eradice. [Paris]: s.e., 1748.
- DARNTON, R. “Sexo dá o que pensar”. In: NOVAES, A. (org.). **Libertinos libertários**. Tradução Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 21-42.
- DUQUE, Gonzaga. O primo Bazilio: notas sobre um factio. **Revista Contemporanea**, Rio de Janeiro, p. 7-12, out. 1900.
- EL FAR, A. **Páginas de sensação**: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- FREITAS, J. J. S. de. **Luctas da penna**. Lisboa: Typographia Universal, 1901.
- GUIÃO, R. J. O Homem. **O Paiz**, Rio de Janeiro, n. 1155, 4 dez. 1887. Letras, p. 3.

HUNT, L. “Obscenidade e as origens da modernidade: 1500-1800”. In: HUNT, L. (org.). **A invenção da pornografia**: obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800. Tradução Carlos Szlak. São Paulo: Hedra, 1999 [1993]. p. 9-46.

IMPRESA. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, ano 65, n. 283, 13 out. 1887. Gazetilha, p. 1.

JACOB, M. C. “O mundo materialista da pornografia”. In: HUNT, L. (org.). **A invenção da pornografia**: obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800. Tradução Carlos Szlak. São Paulo: Hedra, 1999 [1993]. p. 169-215.

JANINE RIBEIRO, R. Prefácio. In: D'ARGENS, Marquês. **Teresa filósofa**. Tradução Carlota Gomes. Porto Alegre: L&PM, 2015.

[LATOUCHE, G. de.] **Histoire de Dom B..., portier des Chartreux, écrite par lui-même**. Rome: Philotanus, 1741.

LEITURA alegre. O Aborto, Martyres do Coração. **Pacotilha**: jornal da tarde, Maranhão, n. 154, 03 jul. 1895. Publicações a Pedido, p. 3.

LEITURA para homens. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, n. 194, 13 jul. 1885. Livro baratíssimos, p. 4.

MENDES, L. “O aborto, de Figueiredo Pimentel: naturalismo, pedagogia e pornografia no final do século XIX”. In: MENDES, L.; CATHARINA, P. P. G. F. (orgs.). **Figueiredo Pimentel**: um polígrafo na *Belle Époque*. São Paulo: Alameda, 2019. p. 261-349.

MENDES, Leonardo. Zola as Pornographic Point of Reference in Late Nineteenth-Century Brazil. **Excavatio**, AIZEN, v. XXX, 2018.

MENDES, L. Livros para homens: sucessos pornográficos no Brasil no final do século XIX. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n. 53, p. 173-191, jan. 2017.

MENDES, T. S. F. Livros, imprensa e obscenidade: a invenção da pornografia no Brasil. **Memento**, Três Corações, v. 10, n. 1, jan.-jun. 2019, p. 1-21.

MERQUIOR, J. G. **De Anchieta a Euclides**: breve história da literatura brasileira. São Paulo: É Realizações, 2014.

MOISÉS, M. **História da literatura brasileira**. Volume II: do Realismo à *Belle Époque*. 3. ed. rev. e atual. São Paulo: Cultrix, 2016.

MORAES, E. R. Francesas nos trópicos: a prostituta como tópica literária. **Teresa**: Revista de Literatura Brasileira, São Paulo, n. 15, p. 165-178, 2014.

NORBERG, K. A prostituta libertina: prostituição na pornografia francesa de Margot a Juliette. In: HUNT, L. **A invenção da pornografia**: obscenidade e as origens da modernidade (1500-1800). São Paulo: Hedra, 1999. p. 241-271.

PEREIRA, L. M. **História da literatura brasileira**: prosa de ficção (de 1870 a 1920). Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

PIMENTEL, F. **O aborto**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

PUJOL, A. *A carne* de Júlio Ribeiro [1888]. In: RIBEIRO, J. **A carne**. 2 ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2015. p. 327-339.

RIBEIRO, J. **A carne**. 2 ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2015.

ROMERO, S. Movimento espiritual do Brazil no anno de 1888 (Retrospecto litterario e scientifico). **Revista Sul-Americana**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 3, v. 1, 15 fev. 1889. p. 33-36.

SEREZA, H. S. **O Naturalismo e o Naturalismo no Brasil**: questões de forma, classe, raça e gênero no romance brasileiro do século 19. São Paulo: Alameda, 2022.

SODRÉ, N. W. **História da literatura brasileira**: seus fundamentos econômicos. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964 [1938].

VERÍSSIMO, J. “O romance naturalista no Brasil”. In: BARBOSA, J. A. (org.). **José Veríssimo**: teoria, crítica e história literária. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1977. p. 179-202.

